

Valorização do dólar faz dívida pública externa cair

MÔNICA MAGNAVITA

A dívida externa do setor público vem caindo desde 1987, passando de US\$ 91 bilhões para US\$ 80 bilhões nestes três últimos anos. Mas neste mesmo período, entretanto, os débitos contraídos pelo setor privado subiram — ainda que ligeiramente — de US\$ 20,104 bilhões em 1988 para US\$ 20,397 bilhões em 89.

Estes dados constam do último "Brasil, Programa Econômico" divulgado pelo Banco Central, e explicam a queda da dívida total do País de 2,3% em relação a dezembro do ano passado. Este descompasso ocorreu, segundo o economista do Instituto de Planejamento Econômico e Social (Ipea) Fábio Giambiagi, em função da valorização do dólar fren-

te a outras moedas fortes, como o marco alemão e o iene.

Com isso, como 69% da dívida do País foram contraídos em dólar, os 31% restantes passaram por uma desvalorização. A questão é que esta queda ocorreu apenas com a dívida do setor público, uma vez que só esta foi composta por uma cesta de moedas. Já o setor privado tem toda seus débitos contraídos em dólar, o que explica o ligeiro aumento ocorrido neste ano.

Mas se o Governo conseguiu reduzir sua dívida com os credores externos, internamente o endividamento só aumentou. De acordo com o boletim do Banco Central, a dívida interna subiu de US\$ 67,9 bilhões, em 1988, para US\$ 92 bilhões em março deste ano.

Giambiagi argumenta que parte deste aumento pode ser apenas con-

tábil, uma vez que o primeiro trimestre foi exatamente o período em que o Governo deu uma puxada nas taxas de juros, seguindo a política traçada pelo Plano Verão para conter a demanda e a inflação.

Além disso, neste período o câmbio não oscilou, o que significa que os cálculos do Banco Central foram feitos pela taxa da época, isto é, defasada.

Segundo Giambiagi, estes dois fatores podem causar alguma distorção nas contas públicas. Principalmente, porque se o Governo baixar as taxas de juros (o que é pouco provável) haverá uma diferença fundamental nestes cálculos. Neste mesmo período, a dívida dos Estados e Municípios teve uma pequena oscilação, subindo de US\$ 22,3 bilhões para US\$ 26,3 bilhões.

As empresas estatais também apresentaram, este ano, um desempenho semelhante ao de 1988. Os débitos destas empresas passaram de US\$ 68,5 bilhões para US\$ 68,9 bilhões. Conclusão: o grande salto ficou com o Governo federal, a dívida mobiliária.

Mas ainda assim, as contas apresentadas no mês passado revelam que a situação não se encontra tão ruim quanto à prevista há alguns meses. O déficit esperado para este ano situa-se entre 5% (chegou-se a falar em 10% no início do ano) e a emissão de moeda caiu significativamente em junho e julho.

A guinada na política monetária do Governo ocorrida neste segundo semestre deve permitir, segundo economistas, manter a inflação em níveis inferiores a 40% até o fim do ano.